

O iluminista e os marialvas

O provincianismo intelectual antes e depois da Revolução dos Cravos

Alexandra Alpha, de José Cardoso Pires. Companhia das Letras, 368 p., Cz\$ 6.600,00.

Mario Pontes

Ao publicar em 1960 a primeira e censuradíssima edição de *Cartilha do marialva*, "libelo contra os medievalismos portugueses de ontem e de hoje", José Cardoso Pires (63 anos completados neste mês), escolheu como epígrafe uma passagem de Cavaleiro de Oliveira, libertino-libertário do século XVIII: "É preciso dar crédito e autoridade à razão para que o Acaso não se constitua soberano". Tal epígrafe Cardoso Pires estava também seguindo uma direção estética que se cumpre em toda a sua obra de iluminista desencabulado, na qual o que fala é a razão e não o acaso, não o destino que o destino atribui nem o mito que o perpetua.

Alexandra Alpha, quinto romance de Cardoso Pires, publicado em fins de 1987, insiste na crítica ao "marialvismo", mas agora concentrando-se naquilo que, aos olhos do autor, dele remanesce em um específico setor da sociedade portuguesa — o da intelectualidade — num determinado e crucial momento de sua história contemporânea — os anos que precedem e imediatamente sucedem a Revolução de Abril de 1974.

Marialvismo, em Portugal, é sinônimo de provincianismo — rejeição do presente e medo da modernidade, apego ao passado e preguiçosa (às vezes cavilosa) opção pelo subdesenvolvimento — e Cardoso Pires só se distingue na sua denúncia pela veemência e a racionalidade que a formula. "Se fosse preciso usar de uma só palavra para com ela definir o estado da mentalidade portuguesa, a palavra seria provincianismo", escreveu dele Fernando Pessoa, que entretanto nem sempre guardou coerência entre o diagnóstico e o modo de tratar a enfermidade.

Seguidos atentamente pelo olho irônico do narrador, personagens intelectuais que fazem o périplo dos bares e cafés nos anos 60/70 (e a geografia noturna de Lisboa magnificamente mapeada no romance) revelam-se provincianos sobretudo quando querem parecer o contrário. Quando cultuam o primitivo em nome da necessidade de aproximar-se do povo, ou quando se deslumbram diante dos modismos estrangeiros — parisienses em preferência —, como se o simples fato de andar com as mãos embaixo do braço bastasse para fazer deles os símbolos da modernidade. Na verdade, mostra o impiedoso romancista, não passam de tolos, prontos a deixar-se enganar pelo primeiro vigarista que se apresente como discípulo de Godard, ou pelo falso guru que entre em cena como portador de milenares sabedorias orientais. A tolice, entretanto, não impede o exercício do oportunismo. Decorridos dois terços do romance, eis que cai sobre uma breve meia dúzia de páginas o inesperado impacto da Revolução dos Cravos. Em seguida, num movimento final de tom grave e andamento diver-



so dos anteriores, ei-los radicais e parasitas da revolução que não haviam assumido no devido tempo. Nada sobra, então, de digno e autêntico ao fim dessa crônica implacável? Sobra, sim. Sobram as personagens femininas. Sobra a publicitária Alexandra, que um dia retornou do Brasil com um filho adotivo; e sobra Maria, sua amiga e companheira de muitas aventuras humanas.

Em confronto com os pusilânimes de ontem e aproveitadores de agora, as duas são as únicas figuras do elenco a servir gratuitamente a Revolução, na esperança de construir algo de novo. Nada de admirar, portanto, que não haja lugar para elas no desfecho do romance, que se encerra antes de encerrar-se aquele confuso momento inaugural de uma nova etapa da vida portuguesa. Não para Maria e Alexandra, paradigmas da imagem positiva e talvez por demais exigente da mulher moderna na obra de Cardoso Pires: independente e atualizada, decidida e corajosa, a despeito dos erros e maus passos que possa dar. Por isso, ao que se subentende, necessariamente votada à solidão.

Embora pródigo no uso de técnicas de narrar que fazem de cada página uma surpresa, Cardoso Pires jamais se intromete na narrativa, deixando que o seu sentido venha à tona a partir unicamente daquilo que os personagens dizem e fazem. Ele não é um épico, alguém que evoca feitos passados, mas uma testemunha que registra — com objetividade, clareza e também com alguns momentos de irrefreável poesia — as dores e convulsões do retardado parto da modernidade em seu país. O que sucede depois, o crescimento da criança, já não pertence à história de *Alexandra Alpha*. Quem sabe, será matéria para um próximo relato e um próximo julgamento desse severo juiz de sua própria geração, ou pelo menos de algumas tantas personalidades que a integram.

JCP no Brasil

Os 14 livros publicados por José Cardoso Pires a partir de sua estréia, em 1949, com os contos de *Os caminheiros*, encontram-se disponíveis no Rio, em edições portuguesas, os seguintes:

- Jogos de azar, contos (1963). O Jornal, 283 p., Cz\$ 4.032,00;
- O hóspede de Job, romance (1963). Moraes, 252 p., Cz\$ 1.456,00.
- Corpo-delito, teatro (1985). Moraes, 158 p., Cz\$ 2.130,00.
- Eventualmente podem ser encontrados exemplares de edições esgotadas dos romances *O delfim* (1968) e *Balada da Praia dos Cães* (1982).

Titulos à venda na Livraria Camões, Rua Bittencourt da Silva 12-C, Rio, tel. 262-4776.

Cardoso Pires:
severo com sua geração